

FERNANDO ACÍLIO MAIA SALDANHA

*CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO
DA HERMENÊUTICA DO MAL
EM PAUL RICOEUR*

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA, PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM FILOSOFIA
CONTEMPORÂNEA



DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2000

ÍNDICE

	Pag.
Agradecimentos	1
Introdução.....	2
I – A Experiência Ricouneriana do Mal	8
1 – Ricoeur Vítima do Mal	8
2 – Mal e Sofrimento	13
3 – O Humano em Questão: Digressão em Torno da Ideia da Retribuição, de Santo Agostinho e de Kant	18
4 – Por uma Antropologia do Homem Concreto	27
II – Fenomenologia da Vida Prática	32
1 – Algumas Influências Próximas	32
2 – Sentido de uma Eidética da Vontade: Análise das Estruturas Volitivas Neutras	38
2.1. – Abstracção da Falta e da Transcendência	38
2.2. – A Estrutura do Querer: Reciprocidade do Voluntário e do Involuntário no Acto de Vontade	44
2.3. – O Cogito Integral: Da Perda à Restauração da Unidade do Eu....	46
III – Desproporção e Falibilidade Humana	53
1 – Sentido de uma Antropologia Filosófica da Falibilidade	53
2 – A Desproporção Humana nos Planos Cognitivo, Prático e Afectivo	56
2.1. – A Desproporção no Conhecimento	56
2.1.1. – Finitude do Receber	56
2.1.2. – Infinitude do Significar	57
2.1.3. – A Imaginação Pura: Síntese Objectual	58
2.2. – A Desproporção na Esfera Prática	59

	Pág.
2.1.2. – O Carácter	59
2.2.2. – A Felicidade	60
2.2.3. – O Respeito	61
2.3. – A Desproporção na Esfera Afetiva	62
2.3.1. – Intencionalidade e Intimidade do Sentimento	62
2.3.2. – Dualidade do Sentimento: Prazer e Felicidade	64
2.3.3. – A Fragilidade Afetiva	65
3 – Falibilidade e Possibilidade do Mal	69
IV – Da Possibilidade à Realidade do Mal	73
1 – A Dizibilidade Simbólica do Mal: A Reflexão como Hermenêutica	73
2 – Ontologia e Lógica do Símbolo	76
2.1. – Símbolo e Interpretação	82
3 – Experiência do Mal, Linguagem da Confissão e Hermenêutica	85
4 – A Hermenêutica como Via para um Pensar Autônomo	90
V – Os Símbolos Primários do Mal e o Servo Arbitrio	94
Introdução	94
1 – A Mancha	96
2 – O Pecado	101
3 – A Culpabilidade	109
4 – Dinâmica dos Símbolos: Breve Balanço	116
5 – Os Símbolos do Mal e o Servo Arbitrio	119
VI – Mitos do Começo e do Fim do Mal	122
Introdução	122
1 – O Drama da Criação	126

	Pág.
2 – O Deus Mau: Visão Trágica da Existência	130
3 – O Mito Adâmico.....	133
3.1. – A Apresentação Geral do Mito	133
3.2. – Gênese do Mito Antropológico no Espírito Penitencial Judaico.....	136
3.3. – A Estrutura do Mito: O “Instante” da Queda	139
3.4. – O “Lapso” do Drama da Tentação	142
3.5. – Orientação Escatológica do Mito Adâmico	146
4 – O Mito da Alma Exilada	148
VII – O Ciclo dos Mitos e a Centralidade do Mito Adâmico	153
1 – Da Estática a uma Visão Dinâmica dos Mitos	153
1.1. – A Reafirmação do Trágico	155
1.2. – O Ressurgimento da Teogonia e do Caos Primordial	157
1.3. – Oposição e Presença do Mito da Alma Exilada no Mito Adâmico.....	159
2 – Dinâmica dos Mitos: Breve Balanço	161
VIII – Simbolismo, Hermenêutica e Filosofia	162
IX – Que Fazer Face ao Mal?	168
1 – Em Direcção a uma Poética da Vontade: A Salvação pela Transcendência.....	168
2 – O Mal como Desafio para o Pensamento	172
3 – O Mal como Desafio para a Acção	174
4 – Transformação Interior do Sujeito: A Via da Sabedoria	177
Conclusão	180
Bibliografia	190

INTRODUÇÃO

Dói ... dói tanto o olhar onde vemos o rosto, a expressão apavorada e o grito, o grito sobretudo, que ouvimos, ingente quase sempre e outras vezes já só gemido surdo, da vítima, mulher, homem, criança, sobretudo desta, a criança inocente, indefesa e frágil, vítima absoluta de um mal que não merece, não quer e que assim, do humano mais fundo da sua alma, suplica que a deixem, que a ajudem *a ser* ... É terrível este sentimento, uma dor que dói até ao mais ínfimo e recôndito do nosso ser. E, paradoxo dos paradoxos, quantas vezes, face a imagens ou a relatos de situações assim, de absoluto sofrimento fruto da maldade humana, quantas vezes, na impotência em que nos sentimos face ao intenso *querer viver, querer ser e "crescer"* das vítimas, maldosamente tornado impossível, não vivenciamos haver sido preferível, e não o desejamos mesmo nós próprios, não ser e nunca haveremos sido!

“Companheiro” inseparável do homem na sua lenta progressão histórica, convivendo quotidianamente com ele, pelo menos nos momentos mais decisivos, não sabemos bem o que pensar, como julgar, como reagir, o que fazer face ao mal. Por isso, neste dobrar de milénio, ao deixar o século que mais longe levou o paroxismo do mal, o século que, por absurdo que pareça, mas em nome dos mais altos valores da liberdade, do amor ao homem ou, noutros casos, a uma super-humanidade, organizou de forma perfeitamente racional, consciente, sistemática e científica o crime, o assassínio e o extermínio em massa, impõe-se, até porque um nublado sombrio e progressivamente mais ameaçador se vem perfilando no horizonte, a necessidade de tomar de frente e reflectir sobre a questão do mal, de maneira a que esse pensar conduza a um agir que vise não tanto o bem – que hodiernos crimes em nome do bem se não têm praticado?! – mas ao menos, e tanto quanto possível, evitar o pior.

Para além do mais, disso estamos convictos, não nos parece possível uma filosofia autêntica, uma filosofia com conteúdo, uma filosofia que fale “das coisas”, isto é, não nos parece possível compreender o mundo, compreender o homem, e menos ainda olhar com esperança o futuro, um futuro possível para este ser que, enraizado no mundo e “talhado” para a felicidade, tanto tem sofrido, tanto pena e tanto chora, sem pensar o problema do sofrimento e do mal. É que no sofrimento, na dor lancinante do grito de quem sofre, no gemido com que agoniza a vítima do mal, todas as “máscaras” caem e o verdadeiro rosto deste ser sempre a fazer-se, sempre incompleto, essencial e corporeamente enraizado no mundo que de outrém recebeu a existência e que, aberto à

transcendência do outro e em permanente cuidado consigo mesmo, se mostra e se revela.

Neste âmbito, e procurando ir de encontro às preocupações expressas, tomámos como guia e “mestre” que desbrava e sugere caminhos, Paul Ricoeur, um dos maiores pensadores contemporâneos e dos que mais insistentemente tem reflectido sobre o homem e a problemática do mal.

Devemos, porém, advertir que, apesar de ao longo do texto assumirmos o mal, e nomeadamente o chamado mal moral, como problema essencialmente prático – não só pelo facto de que ele decorre, de alguma maneira, das escolhas e do agir humanos, mas ainda e de uma forma algo mais velada, porque só enquanto o vemos como obra humana podemos acalentar o desejo, o sonho, ou melhor, a ilusão de que algum dia o possamos dominar e expulsar – a nossa posição, quando confrontados, não já com a dor resultante de catástrofes naturais ou de doenças, porquanto estas formas de sofrimento “caiem” nitidamente fora do âmbito do mal moral, mas com o medonho do mal intensamente reflectido no olhar, ora desesperado ora já só apático das vítimas inocentes de crimes e genocídios que parecem não ter fim, a nossa posição – sem que em algum momento tendamos para a ontologização do mal, no sentido de que este seja parte da estrutura ontológica do homem, concepção que poria fim a toda a esperança de redenção – oscila, interrogando-nos, como de resto o próprio Ricoeur a determinada altura o faz, sobre se uma visão estritamente ética do mal não será demasiado pesada para o homem que, na debilidade e falibilidade que o caracteriza, não poderá, talvez, carregar sozinho com todo o “peso” do mal. Relativamente a esta questão Ricoeur, afirmando no homem a anterioridade da inocência relativamente à culpa e ao mal, entende este compreendendo a passagem da bondade originária do humano à maldade do homem histórico pelo acontecimento contingente da “queda”. Face a esta posição de Ricoeur que, em alguma medida como se verá, o aproxima de Rousseau e de Kant, parece-nos que haverá ainda que procurar um mais fundo esclarecimento a respeito da eventual responsabilidade do próprio homem no facto mesmo da queda.

O texto deste trabalho encontra-se organizado em nove capítulos. No primeiro, que de certo modo “funciona” como uma espécie de grande introdução ao restante corpo do trabalho, pretende-se mostrar de que modo Paul Ricoeur foi afectado pela experiência dolorosa e trágica do mal, procurando, pela consideração da relação que nele se estabelece com o sofrimento, precisar o significado desse conceito, acentuando a sua dimensão ética e não ontológica. Nesse âmbito equaciona-se o distanciamento

crítico de Ricoeur face à ideia da *retribuição*, ao substancialismo gnóstico e ainda a relação que mantém com Santo Agostinho, de quem se aproxima na luta que este trava com o gnosticismo, mas do qual denuncia como falso saber o conceito, fortemente enraizado no depósito dogmático da Igreja, de *pecado original*, e com Kant, outra figura de referência na concepção ética do mal e que, na posse de todo um quadro conceptual de que, no seu tempo, Agostinho não dispunha, se encontra em condições de pensar o mal como mal radical, acentuando o seu fundamento obscuro e inescrutável. Esta primeira parte termina com a referência a alguns aspectos da formação religiosa de Ricoeur nos horizontes do protestantismo calvinista que mais influência exerceram no seu pensamento e nomeadamente nas suas concepções a respeito da problemática do mal, explicitando-se ainda, tendo em vista o seu projecto de pensar o homem real, concreto, nos horizontes de uma antropologia do agir, a sua inserção nos quadros da *filosofia reflexiva*, a sua demarcação face ao idealismo fenomenológico de Husserl e a aproximação que faz da fenomenologia à hermenêutica, procedendo ainda, ao insistir no lado prático da reflexão, à recuperação da ideia espinosiana da filosofia como ética.

No capítulo segundo, desenvolvido no essencial em torno de *Le Volontaire et L'Involontaire*, começamos por referir a influência profunda que tiveram no rumo seguido por Ricoeur, sobretudo nessa obra, autores como Husserl, Merleau Ponty e Gabriel Marcel, face aos quais, nomeadamente a este último, ele assume um profundo e explícito sentimento de dívida e de gratidão. Depois disso, explicita-se o sentido de uma eidética da vontade, tendo em vista proceder-se à análise das estruturas volitivas neutras; mostra-se a necessidade de, para que isso se possa fazer, proceder à abstracção da falta e da transcendência as quais, estranhas a uma eidética pura do homem, exigem para o seu estudo uma outra metodologia: uma “descrição empírica”. Constata-se a seguir, à luz de uma análise intencional do querer, a sua estrutura triádica, mostrando-se como em todo o acto de vontade estão presentes e em interacção recíproca as estruturas do voluntário e do involuntário, tendo porém aquele, nesse processo, prioridade sobre este. Finalmente, expõe-se o acesso de Ricoeur à “experiência integral do Cogito”, sendo este não o sujeito transcendental, acto puro de auto-posição e liberdade auto-suficiente, mas o “eu integral”, restaurado, misteriosamente encarnado e corporeamente enraizado na natureza, no mundo e no ser a que pertence. Ao assim proceder, Ricoeur como que realiza uma primeira *revolução copernicana*, a qual, no entanto, para evitar a tentação autista da consciência, deverá ser completada por uma *segunda revolução*

copernicana que, operando no centro mesmo do eu, desloque o centro de referência da subjectividade para a transcendência.

No terceiro capítulo, desenvolvido essencialmente a partir de *L'Homme Faillible*, tematiza-se o sentido de uma antropologia filosófica da falibilidade, com a finalidade não tanto de conhecer a origem do mal, uma vez que enquanto acontecimento o mal é impenetrável, mas de aproximar-se de um limiar que permita compreender de que modo é que, através do homem, o mal “entrou no mundo”. Encontrada a falibilidade na desproporção, numa certa não coincidência do homem consigo mesmo, achamo-nos perante o *paradoxo do homem finito-infinito*. Procede-se em seguida a uma análise da desproporção humana nos planos do pensar, do agir e do sentir, de modo a justificar a pergunta que abre o capítulo: “o que é que se pretende dizer quando se chama o homem de falível?”, e a resposta que a ela própria Ricoeur dá: – “Essencialmente isto: que a possibilidade do mal moral está inscrita na constituição do homem”. Mas se a falibilidade, para além de mediação frágil, ponto de menor resistência e lugar de manifestação do mal é ainda, num sentido mais positivo, “capacidade do mal”, na passagem da possibilidade à realidade do mal há uma descontinuidade, um afastamento e um salto que, inacessível à reflexão transcendental, só pode ser captado na linguagem simbólica da confissão.

Desta maneira procede-se à transição para o capítulo IV que, intitulado precisamente “Da Possibilidade à Realidade do Mal”, mostra que essa passagem supõe a entrada no mundo concreto e quotidiano do homem, no universo empírico do seu interagir social, acentuando-se a ideia de que a falta constatada na história não constitui nem um traço ontológico do humano, nem algo de dedutível a partir de algum estado ontológico fundamental. Ela apenas pode ser declarada ou confessada, donde o interesse do autor pelos textos da literatura penitencial nos quais as comunidades de crentes exprimem a sua declaração do mal. Porém, porque essa linguagem do mal, seja o mal suportado, sofrido ou cometido, é uma linguagem simbólica, portanto não transparente, mas opaca, ela exige, como todo o símbolo, ser decifrada, interpretada, isto é, exige uma hermenêutica. É a esse trabalho hermenêutico em torno dos símbolos e mitos do mal que em *La Symbolique du Mal* Paul Ricoeur se vota, desenvolvendo um pensamento que, interpretando mas respeitando o enigma original dos símbolos e deixando-se instruir por eles, conduz, uma vez que como amiúdes vezes sublinha: “o símbolo dá que pensar”, na via de um pensar autónomo, de um *pensar arriscado a partir e para lá dos símbolos*.

No quinto capítulo tem lugar a hermenêutica dos símbolos primários do mal que Ricoeur agrupou em torno da *mancha*, do *pecado* e da *culpabilidade*. A ordenação e interpretação dos símbolos segundo esta sequência pretende traduzir o processo de progressiva interiorização que precisamente conduz da exterioridade cósmica da mancha à culpabilidade individual, passando pela realidade comunitária do pecado. Finalmente, após se haver posto o acento na dinâmica dos símbolos, infantizando o processo circular segundo o qual os últimos dão seguimento e desenvolvem o sentido dos precedentes que, por sua vez, proporcionam àqueles o seu poder de simbolização, esclarece-se o conceito de *servo arbítrio*, isto é, de uma vontade, a própria vontade humana, que paradoxalmente é ao mesmo tempo livre e prisioneira.

No capítulo sexto procede-se a uma hermenêutica dos mitos do começo e do fim do mal. Nos horizontes de uma perspectiva desmitologizadora, Ricoeur pretende não a desmistificação dos mitos a fim de a eles renunciar, mas antes o reconhecimento e restauração do seu sentido mítico, isto é, Ricoeur não pretende ver o mito como explicação, uma vez que a esse nível ele revela-se como “pseudo-saber”, como “falso logos”, mas apenas compreendê-lo e preservá-lo na sua dimensão mítica e, no fundo, compreender o mito como mito é estar atento e compreender o que ele “com o seu tempo, o seu espaço, os seus eventos, os seus personagens e o seu drama, acrescenta à força reveladora dos símbolos primários”. Procurando introduzir ordem na diversidade ilimitada de mitos, o autor elabora uma tipologia na qual considera quatro tipos de representação mítica referentes à origem e ao fim do mal. Esses quatro tipos são, pela ordem com que serão analisados, os seguintes: o *drama da criação*; o *mito trágico*; o *mito da queda* ou *mito adâmico*; o *mito da alma exilada*. Nesta tipologia Ricoeur concede ao mito adâmico, o único verdadeiramente antropológico, um lugar de centralidade. É isso, em virtude de, entre outras razões, ele haver constituído a matriz de muito do essencial da especulação que no ocidente se fez a respeito da origem do mal na liberdade e no agir humano.

Precisamente o tema da centralidade do mito adâmico, inserido no contexto de uma dinâmica interactiva dos mitos referidos, é que constitui o assunto tratado no capítulo sétimo. Aí mostra-se que o mito adâmico supõe não a abolição do trágico, mas a sua reafirmação; do mesmo modo que nele se verifica o ressurgimento da teogonia e do caos primordial, bem como ainda, apesar da distância tipológica que os separa, a história do cristianismo, sobretudo do cristianismo de expressão neoplatónica nos oferece exemplos diversos que ilustram a contaminação do mito da queda pelo mito

grego da alma exilada. É que, no fundo, como a dada altura se refere, “o mito da queda tem necessidade desses mitos para que o Deus ético que pressupõe permaneça *Deus absconditus* e que o homem culpado que ele anuncia apareça também como vítima de um mistério de iniquidade que o torna digno tanto de piedade como de ira”.

O capítulo oitavo pretende, em alguma medida, retomar e dar continuidade à temática desenvolvida no capítulo quarto que, funcionando de certa maneira como introdução aos três capítulos seguintes, terminou, como dissemos, uma vez que o “símbolo dá que pensar”, com a consideração, por Ricoeur, da hermenêutica como via conducente a um pensar autónomo. Agora, trata-se de ver que a articulação coerente entre a interpretação dos símbolos e a reflexão filosófica é uma exigência do próprio símbolo que, na sua riqueza *pré-filosófica*, apela não só à interpretação mas ainda, e mais verdadeiramente ainda, à reflexão filosófica, pelo que o problema hermenêutico não é algo que seja imposto de fora à reflexão, mas algo que decorre da vida implícita, do movimento de sentido, dos próprios símbolos. Mas se é verdade que o mito apela à filosofia, não será igualmente verdade que a própria filosofia apela ao mito? Sem pretendemos desenvolver esta questão, dado que ultrapassa os limites que impusemos a este estudo, limitamo-nos a apontar algumas dificuldades a que não pode deixar de se dar resposta quando se pretende justificar a elaboração de uma filosofia tendo por base o simbolismo mítico.

Finalmente no nono e último capítulo deste trabalho pretendemos, de uma forma abreviada e sintética, dar-nos conta primeiramente do projecto de uma *Poética da Vontade*, anunciada por Ricoeur na introdução a *Le Voluntaire et L'Involuntaire*; em segundo lugar, procurando ressaltar a fecundidade da hermenêutica no plano prático, fazer notar os seus reflexos ao nível do ser, do pensar, do agir e do estar do homem face ao mal no mundo, mal do qual ele é tanto autor como, e sobretudo, vítima.

BIBLIOGRAFIA

TEXTOS DE PAUL RICOEUR

Ricoeur, Paul, *O Conflito das Interpretações*, trad. Port., M.F. Sá Correia, Rés Editora, Porto, s.d.

Ricoeur, Paul, *A Crítica e a Convicção*, trad. port. António Hall, Edições 70, Lisboa, 1997

Ricoeur, Paul / Marcel, Gabriel, *Entretiens*, Aubier Montaigne, Paris, 1968

Ricoeur, Paul, *De L'Interpretation , Essai sur Freud*, Edições du Seuil, Paris, 1965

Ricoeur, Paul, *Le Mal, un Défi à la Philosophie et à la Theologie*, Labor Fides, Geneve, 1986

Ricoeur, Paul, *Da Metafisica à Moral*, trad. port. Silvia Menezes, Instituto Piaget, 1997

Ricoeur, Paul / Changeaux, Jean-Pierre, *La Nature et la Règle, Ce Qui Nous Fait Penser*, Editions Odile Jacob, Paris, 1998

Ricoeur, Paul, *Philosophie de la Volonté I, Le Volontaire et L'Involontaire*, Aubier, France, 1988

Ricoeur, Paul, *Philosophie de la Volonté II, Finitude et Culpabilité*, Aubier, France, 1988

Ricoeur, Paul, *Le Sentiment*, in *Edmund Husserl, 1859 – 1959, Recueil Commémoratif Publier à la occasion du Centenaire de la Naissance du Philosophe*, Martinus Nijhoff / La Haye, 1959

Ricoeur, Paul, *De la Volonté à L'Acte, Un Entretien de Paul Ricoeur avec Carlos Oliveira*, in Christian Bouchindhome / Rainer Rochlitz, «*Temps et Récit*» de Paul Ricoeur en Débat, Les Editions du CERF, paris, 1990

TEXTOS SOBRE PAUL RICOEUR

Abel, Oliver, Paul Ricoeur, *A Promessa e a Regra*, trad. port. Joana Chaves, Instituto Piaget, 1997

Bouchindhome, Christian / Rochlitz, Rainer, «*Temps et Récit*» de Paul Ricoeur en Débat, Les Editions du CERF, Paris, 1990

Dosse, Francois, *Paul Ricoeur, Les Sens D'Une Vie*, Éditions La Découvert, Paris, 1997

Garapon, Antoine / Salas, Denis (Direcção), *A Justiça e o Mal*, trad. Port., Maria Fernanda Oliveira, Instituto Piaget, 1999

Hahn, Lewis Edwin (Direcção), *A Filosofia de Paul Ricoeur, 16 Ensaio Críticos e Respostas de Paul Ricoeur aos seus Críticos*, trad. Port., António Moreira Teixeira, Instituto Piaget, 1999

Henriques, Fernanda, *A Significação "Crítica" de Le Voluntaire et L'Involuntaire*, Revista Portuguesa de Filosofia, Janeiro / Março, 1990

Mongin, Olivier, *Paul Ricoeur, As Fronteiras da Filosofia*, trad. port., Armando Pereira da Silva, Instituto Piaget, 1997

Pereira, Miguel Baptista, *Narração e Transcendência*, in HVMANITAS, Revista do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993

Prieto, Roxana, *El Problema del Mal en la Obra de Paul Ricoeur*, Filosofia Oggi, 1980

Silva, Maria Luisa Portocarrero Ferreira da, *A Hermenêutica do Conflito em Paul Ricoeur*, Livraria Minerva, Coimbra, 1992

Sumares, Manuel, *O Sujeito e a Cultura na Filosofia de Paul Ricoeur*, Escher, Lisboa, 1989

Teixeira, Joaquim de Sousa, *Paul Ricoeur e a Problemática do Mal*, Didaskalia, Vol. VII, 1977

Thomasset, Alain, *Paul Ricoeur, Une Poétique de la Morale*, Leuven University Press, 1996

Vansina, Dirk F., *Esquisse, Orientation et Signification de L'Entreprise Philosophique de Paul Ricoeur*, in Revue de Métaphysique et Morale, nºs 2 e 3, 1964

OUTRA BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

Descartes, René, *Meditações Sobre a Filosofia Primeira*, trad. Port., Gustavo de Fraga, Livraria Almedina, Coimbra, 1976

Husserl, Edmund, *Idées Directrices Pour Une Phénoménologie*, trad. Francesa, Paul Ricoeur, Gallimard, 1985

Kant, Immanuel, *Crítica da Razão Prática*, trad. Port. Artur Morão, Edições 70, Lisboa, 1984

Kant, Immanuel, *A Religião nos Limites da Simples Razão*, trad. Port. Artur Morão, Edições 70, Lisboa, 1992

